

"CABEÇO DO CRASTO"

SÃO ROMÃO, SEIA

A CAMPANHA 1 (1985)

Catálogo da Exposição Temporária

FIAGRIS/86

J. C. SENNA-MARTINEZ

Amílcar GUERRA

Carlos FABIÃO

Unidade de Arqueologia (UNIARCH)

Centro de História

Universidade de Lisboa

Linha de Acção de Arqueologia

Gabinete de História e Arqueologia de Seia

- 1986 -

O PROGRAMA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICO DA BACIA DO MEDIO E ALTO MONDEGO

- PEABMAN -

1 *Ambito Geográfico*

A bacia do Mondego, região charneira, quer do ponto de vista geográfico, quer - frequentemente ao longo do nosso percurso pré e pós fundação da nacionalidade - do ponto de vista histórico, constitui, na sua parte a montante de Coimbra com a rede dos respectivos afluentes de ambas as margens, o quadro geográfico do Programa

O limite ocidental natural é formado pelo Maciço Marginal (Serra do Buçaco e seus prolongamentos), abrindo-se na Portela, à saída das imponentes gargantas pelas quais o Mondego e o Ceira o atravessam, à comunicação com os campos férteis e inundáveis do Baixo Mondego e, pelo vale do Dueça, ao corredor Coimbra/Tomar, antiga via de passagem ligando os vales, outrora navegáveis do Mondego e do Tejo

A Sul separa-a da bacia do Zêzere a sequência das serras da Lousã, Açor e Estréla. Enquanto a Norte a Serra do Caramulo limita-a até que os planaltos a Norte e Nordeste de Viseu estabelecem o contacto com as bacias do Vouga e do Paiva

A Oriente, os planaltos em torno da Guarda permitem a passagem para a bacia do Zêzere, a Sul e, para Nordeste, através das bacias do Côa e do Agueda, ao vale do Douro e Meseta espanhola.

Esboçados os limites da área envolvida, estão também esboçadas as principais vias de entrada e saída, sem esquecer as modificações recentes da paisagem, em particular o assoreamento dos vales e da ria *flandriana* do Mondego, a qual teria, pelo menos, atingido Coimbra (DAVEAU, 1985: 80-82).

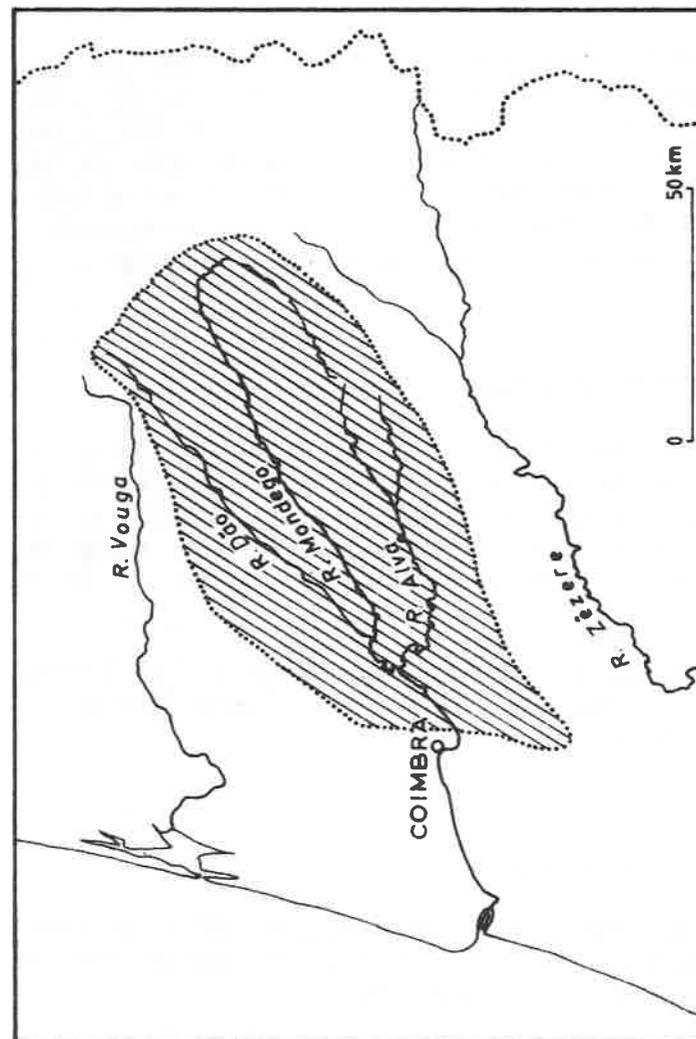
2 Conteúdo

Passada a época dos trabalhos pioneiros de *MARTINS SARMENTO*, *SANTOS ROCHA*, *LEITE DE VASCONCELOS*, *JOSE COELHO*, *VERA LEISNER* e *LEONEL RIBEIRO*, podemos justamente afirmar que poucos foram os trabalhos arqueológicos, dignos desse nome, efectuados na região, onde é excepção a obra de *CASTRO NUNES*, em cuja continuidade se insere o PEABNAM, além dos trabalhos publicados na última década por *Celso TAVARES DA SILVA* e colaboradores para a periferia Norte da nossa área de actuação

Partindo do levantamento da magra bibliografia existente e dos trabalhos de terreno efectuados no âmbito do primitivo PEARA (Projecto de Estudo Arqueológico da Região de Arganil e Concelhos Limitrofes) depois alargado e reformulado na sua integração na programação da UNIARCH, começou-se a definir um conjunto de questões que deveriam orientar a pesquisa:

- Como surge e se desenvolve, regionalmente, o conjunto de práticas e fenómenos correlativos ao que se designa, correntemente, como *negalitismo*?
- Quais as estratégias de povoamento/ocupação do terreno, como evoluem e que formas de exploração dos recursos naturais traduzem?
- Que rupturas (se rupturas existiram) implicam o surgimento da metalurgia e as suas sucessivas alterações qualitativas, bem como as movimentações populacionais implicadas no desenvolvimento da Idade do Ferro e Romanização?

Longe de esgotarem a problemática envolvida, estas questões possibilitaram já, no entanto, perspectivar os dois projectos principais em que, para efeitos de execução, se articula este Programa, os quais, pelo seu lado, reflectem as duas vertentes de actuação no terreno que, desde 1979, caracterizam o trabalho que vimos desenvolvendo na região (ver Mapa 1)



Mapa I - A área de intervenção do PEABNAM no Centro de Portugal

3. Aspectos de Execução

A execução do Programa passa pela equilibrada articulação dos seus dois projectos principais com outros, paralelos, de cartografia arqueológica que possibilitem, a um tempo, a escolha adequada de sítios a intervir e uma cada vez mais correcta avaliação da problemática envolvida em termos da sua expressão macro-espacial. A compreensão e perspectivação dos problemas em termos regionais (de *Área*) e não só no âmbito micro-espacial de cada monumento/sítio surge, deste modo, como uma das linhas condutoras da execução do Programa.

3.1. Projectos de "Carta Arqueológica"

Desde 1979 que vimos executando projectos de cartografia arqueológica em vários dos Concelhos da área de intervenção do PEABMAM. Partindo de levantamentos bibliográficos, estão já adiantadas as Cartas Arqueológicas dos Concelhos de Arganil, Góis e Vila Nova de Poiares; e em diferentes estados de execução as de Seia, Nelas, Fornos de Algodres, Tábua, Carregal do Sal e Gouveia.

Nos restantes casos e antecedendo trabalho de terreno, em diversos estados de adiantamento, consoante as situações, desenvolvem-se levantamentos bibliográficos e toponímicos.

3.2. Projectos de Investigação

Partindo das intervenções efectuadas no âmbito do PEARA e decorrendo da problemática citada em 2., entendemos estruturar a investigação em torno de dois projectos principais que se desenvolvem a seguir.

Projecto para o Estudo do "Megalitismo" na Bacia do Médio e Alto Mondego: ideologia e práticas funerárias da Neolitização ao Bronze Final

- MEGABMAM -

As questões envolvidas pelo que correntemente se designa por "megalitismo" justificam, por si só, um projecto a elas dedicado. A compreensão dos fenómenos com ele relacionados tal como esboçamos em texto recente (SENNA-MARTINEZ, 1984a.) abre perspectivas do maior interesse. Se a questão das origens que cremos indissociável do problema da Neolitização terá que aguardar a revisão em curso, por uma colega de outra Universidade, dos dados referentes ao Baixo Mondego, os prolongamentos do fenómeno "megalítico" pela Idade do Bronze, tal como recentemente provámos (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & ROSA, 1984.), abrem toda uma série de novas questões, em ligação com o surgimento de formas alternativas de tumulação.

Concluído o levantamento bibliográfico, avançado o estudo e revisão das colecções do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, bem como das colecções do Museu Regional de Arqueologia de Arganil, estas últimas provenientes do trabalho de vanguarda desenvolvido pelo seu Director nos anos 50 e 60 (CASTRO NUNES, 1956a., 1957b., 1974.), só novas escavações, conduzidas em novos moldes, nos permitirão avançar.

Assim, continuando embora o estudo dos materiais provenientes de anteriores trabalhos, importa encarar a escavação, *de raíz*, de monumentos cujo estado de conservação possibilite potenciar o encontrar de respostas para as seguintes questões:

- Constituem os pequenos monumentos sem corredor ou com este mal diferenciado, a fase mais arcaica do fenómeno?
- Qual a época de construção e que re-utilizações sofrem, quando e como, os grandes monumentos?
- Como se relacionam, enquanto necrópoles, os monumentos megalíticos de corredor desenvolvido, re-utilizados na Idade do Bronze, os monumentos funerários não-megalíticos tipo Fonte da Malga I e M3MV (KALB & HOCK, 1979 e SENNA-MARTINEZ, 1984b.) e as tumulações em gruta, recentemente detectadas na área (SENNA-MARTINEZ, ESTEVINHA & VILAÇA, 1985/1986; SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1985/1986) ?

*Projecto para o Estudo das Estratégias de Povoamento
e Utilização dos Recursos Naturais na Bacia do Médio e Alto Mondego:
da Neolitização à Romanização*
- ESPOV -

A elaboração e estudo de modelos diacrónicos explicativos das realidades sociais subjacentes aos dados arqueológicos passa, necessariamente, pelo estudo dos sítios de habitat das respectivas populações. Não admire, pois, que a prospecção de sítios arqueológicos com aquelas características tenha, desde o início da nossa actuação na área, constituído uma das nossas prioridades. Os resultados, porém, não foram, até ao momento, concludentes no que respeita às fases mais arcaicas do período abrangido pelo Projecto.

Se o modelo explicativo que fomos construindo (SENNA-MARTINEZ, 1982 e 1984a; SENNA-MARTINEZ & LUZ, 1983.) permite perspectivar as ausências de sítios de habitat neo-calcolíticos e do Bronze Antigo/Médio, uma ruptura surge hoje claramente neste panorama arqueológico, concretizada pelo aparecimento dos "castros" do Bronze Final, da chamada "Cultura" de Baiões/Santa Luzia, com os seus eventuais prolongamentos pela Idade do Ferro. Anteriormente, porém, só eram conhecidos na periferia Norte da nossa área de estudo (C. TAVARES DA SILVA, 1978, 1979 e 1980; KALB, 1978.).

Do mesmo modo, no outro extremo cronológico, a intervenção que vínhamos realizando no Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil) permitia-nos estudar a presença romana na zona, na sua fase inicial (CASTRO NUNES, 1958b, 1958c, 1958 e 1981; GUERRA & FABIÃO, 1986.) e os motivos do seu interesse pela região (CASTRO NUNES, *et al.*, 1985; FABIÃO & GUERRA, 1985/1986.). Possuíamos, na sequência de trabalhos de carta, indicações para um estudo da consolidação da presença romana e das formas de que se revestia o processo. Impunha-se, pois, definir qual a realidade populacional sobre a qual actuava a presença romana e com que consequências.

Assim, a execução do Projecto ESPOV passava, aqui também, pela escavação, *de raiz*, de sítios cujas potencialidades permitissem encarar respostas para a problemática aduzida e em aberto.

4. Meios Humanos e Materiais

Um Programa de Investigação com as características do PEABMAM implica, necessariamente, a adequada constituição de equipas, preparação e formação de colaboradores. Este aspecto tem vindo a constituir uma das nossas preocupações dominantes no âmbito das funções docentes que desempenhamos. Deste modo, não se estranhe que a saída, nos últimos anos, da Universidade, dos primeiros dos nossos alunos a licenciarem-se constitua, até porque vários vinham connosco colaborando desde o primeiro ano de curso, elemento de reforço em pessoal do Programa.

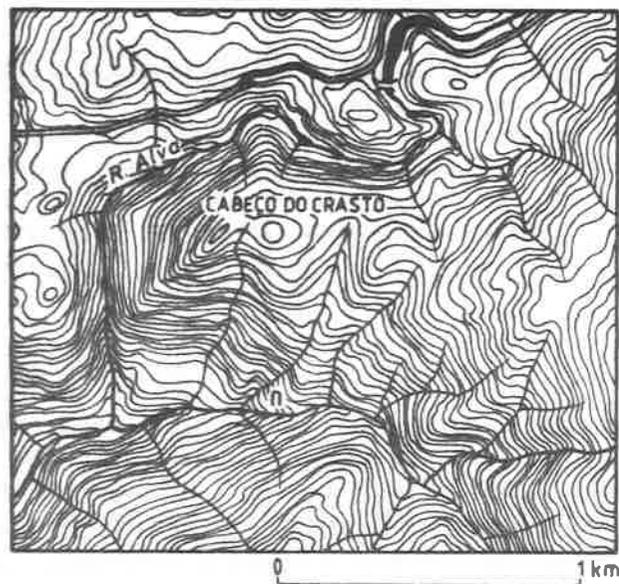
Integram assim o corpo técnico do PEABMAM, além dos autores e seus responsáveis no âmbito da UNIARCH, sete jovens licenciados dos quais três já nela integrados como investigadores: António VALERA, Fátima GARCIA, Isabel ESTEVINHA, José VENTURA, Natália COELHO, Pedro DELGADO e Rosa AMARO. Como colaboradores, integram ainda vários aspectos da investigação em curso diversos alunos das Licenciaturas em História e em História com Variante em História de Arte, da Universidade Clássica e Universidade Nova de Lisboa.

A execução do Programa tem vindo a ditar a necessidade de associar à pesquisa entidades e/ou investigadores exteriores à UNIARCH. Tal perspectiva conduziu-nos a incentivar ou promover, consoante os casos, protocolos com:

- (1) Centro de Geografia da Universidade de Lisboa
- (2) Centro de Física Nuclear da Universidade de Lisboa
- (3) Laboratório de Paleobotânica e Palinologia da Universidade de Utrecht
- (4) Instituto Botânico da Universidade de Coimbra
- (5) Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis - FAOJ (Delegações de Viseu, Guarda e Coimbra)
- (6) Câmara Municipal de Seia (Gabinete de História e Arqueologia)

5. Divulgação de Resultados

As publicações da UNIARCH serão a via de publicação privilegiada mas não necessariamente exclusiva dos resultados do Programa. *Clio/Arqueologia* e os *Cadernos da UNIARCH* acolherão os resultados intermédios e os resultados finais serão publicados na série *Estudos e Memórias*.



Mapa II - Localização do "Cabeço do Crasto" e do "Buraco da Moura" [N] na *Carta Militar de Portugal* na escala 1/25000, Folhas 212 e 223.

O GABINETE DE HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DE SEIA

- GHAS -

Em 26 de Novembro de 1984, na sequência de trabalhos que vínhamos desenvolvendo na zona, veio a ser assinado o acordo de criação do *Gabinete de História e Arqueologia de Seia* (GHAS), a seguir transcrito:

- ACORDO -

1. A Câmara Municipal de Seia, o Centro de História da Universidade de Lisboa (CHUL) e o Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa (IAFL), constatando o interesse mútuo em desenvolver a inventariação, estudo e publicação do Património Histórico e Arqueológico do Concelho de Seia decidem, pelo presente acordo, criar um *Gabinete de História e Arqueologia de Seia* (GHAS).

2. O GHAS funcionará anexo ao Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Seia e terá direcção científica assegurada pelo Secretário do CHUL e pelo Director do IAFL (PEABMAM) e direcção administrativa da Câmara Municipal de Seia.

3. A persecução dos objectivos citados, inventariação, estudo e publicação do Património Histórico e Arqueológico do Concelho de Seia, envolverá, entre outros aspectos possíveis, os seguintes:

3.1. O desenvolvimento, numa perspectiva aberta e multidisciplinar, de formas de cooperação com todas as entidades e pessoas que, localmente, entendam colaborar na realização destes objectivos.

3.2. O levantamento integral da documentação, manuscrita e impressa, existente nos diversos arquivos do país e respeitante ao Concelho de Seia, sua respectiva leitura e edição.

Parágrafo único - Tal pressupõe a colaboração na organização do Arquivo Municipal de Seia de modo a permitir a realização dos fins apontados.

3.3. O Levantamento da *Carta Arqueológica do Concelho de Seia* e a promoção da classificação e protecção dos monumentos/sítios ainda não abrangidos por tais medidas.

3.4. O estabelecimento e realização de um *Programa de Escavações Arqueológicas* que contemplem o estudo dos monumentos/sítios inventariados e que venham a ser considerados prioritários.

3.5. A elaboração de um inventário sistemático do património artístico do Concelho de Seia (Arquitectura civil e militar, monumentos religiosos, ex-votos, azulejaria, etc.) seu estudo e publicação.

3.6. A colaboração na organização e desenvolvimento da *Biblioteca Municipal de Seia* de modo a adequá-la a uma utilização consentânea com as necessidades culturais do Concelho.

3.7. A promoção da realização de estudos relativos à História e Arqueologia do Concelho de Seia e sua publicação, para o que o GHAS editará uma revista com duas séries: *Estudos e Documentos*.

3.8. A formação de quadros locais no domínio da Paleografia e Arqueologia, capazes de colaborar na inventariação, estudo e publicação de fontes.

Parágrafo Único - Dada a natureza especializada de tais tarefas a Câmara Municipal de Seia, caso o considere conveniente, poderá estabelecer acordos com outras autarquias da região no sentido de alargar e rentabilizar tais cursos de formação.

Seia, 26 de Novembro de 1984

Assina:

O Secretário do CHUL, Prof. Doutor Francisco de Salles Loureiro

O Director do IAFLL, Prof. Doutor João de Castro Nunes

O Presidente da Câmara Municipal de Seia, Jorge Correia

A LINHA DE ACÇÃO DE ARQUEOLOGIA DO GHAS

Parte integrante do *Gabinete de História e Arqueologia de Seia* (GHAS), a *Linha de Acção de Arqueologia* (LAA) iniciou as suas actividades em 1985 com o arranque do levantamento da *Carta Arqueológica do Concelho de Seia* e a efectivação do *1º Campo Arqueológico de São Romão* no âmbito do qual se iniciou a escavação do "Cabeço do Crasto de São Romão" e o reconhecimento do "Buraco da Moura".

A identificação de sítios de interesse arqueológico resulta de um complexo trabalho de recolha e tratamento de informações e de observações e registo no terreno.

Quando se pretende realizar um levantamento à escala regional - como o que estamos a efectuar no Concelho de Seia - devemos levar em consideração tudo o que já foi escrito sobre o património arqueológico da zona. Essa informação pode encontrar-se em textos de índole científica [por ex. *Relatório da Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881*] (Ver Painel 3), na publicação de materiais provenientes de achados originais [por ex. J. CASTRO NUNES, 1958. "Nuevos hallazgos del Bronce en Portugal", in: *Zephyrus*, IX-2, pp.230-11], em trabalhos de eruditos locais [por ex. J. Quelhas BIGOTTE, 1982. *Monografia da Vila e Concelho de Seia*, Seia, Ed. do autor] ou, ainda, nas pequenas notícias de Imprensa Regional.

E necessário, portanto, levantar sistematicamente toda essa informação, registá-la e tratá-la de modo a que possa ser utilizada cientificamente.

Tem-se revelado, também, do maior interesse, o contacto com a população local que é normalmente conhecedora de muitas ocorrências que, julgadas insignificantes, nunca chegaram sequer a merecer notícia na Imprensa Regional, mas que podem vir a constituir informações importantes para esta pesquisa. Apraz-nos mencionar que, neste Concelho, as pessoas a título individual e as agremiações de carácter cultural e recreativo têm prestado com simpatia e desinteressadamente a melhor colaboração à nossa equipa.

Outra via de pesquisa, no que toca à cartografia arqueológica, é o levantamento toponímico - feito a partir da pesquisa dos nomes de terras e lugares. Este estudo tem razão de ser porque muitos sítios que foram utilizados pelo Homem no passado perpetuam, pelo seu nome, a memória da sua antiga função [por ex. o nome *Crasto* ou *Castro* refere, normalmente, um antigo povoado fortificado e os nomes *Anta*, *Arca* ou *Orca* referem-se, habitualmente, a locais onde existem monumentos megalíticos].

No que respeita ao Concelho de Seia, toda esta informação está a ser levantada, catalogada e trabalhada.

O passo seguinte - que, igualmente, já estamos a realizar - consiste na visita aos locais inventariados com observações e registos efectuados *in loco*. A observação permite precisar as características e interesse do local, o contacto com os moradores mais próximos fornece, como vimos, outras informações e o registo de ocorrências de superfície, bem como a recolha de materiais, do mesmo modo surgidos à superfície, permite definir as potencialidades arqueológicas do sítio. Abrimos então um pequeno *dossier* sobre o local onde todas as informações são registadas e o local é assinalado na carta com as suas coordenadas exactas. As visitas a estes locais de interesse prosseguem depois, regularmente, com o intuito de registar eventuais novas informações e para nos certificarmos de que nada está a pôr em risco a conservação do sítio.

Para além deste tipo de pesquisa, suscitada por informações bibliográficas, toponímicas ou directas, existe a possibilidade de prospecções directas, consistindo no reconhecimento de locais potencialmente de interesse arqueológico e que, igualmente, temos vindo a levar a cabo. De facto, os conhecimentos já adquiridos através do trabalho efectuado levam-nos a constatar determinadas regularidades de assentamento geográfico dos sítios arqueológicos na região em estudo pelo PEABMAM (por ex. a localização de povoados fortificados em locais elevados e com condições naturais de defesa frequentemente enquadrados na confluência de dois cursos de água). Logo, uma leitura atenta da *Carta Militar de Portugal* na escala 1/25000 pode conduzir-nos a reconhecer sítios com características prometedoras do ponto de vista arqueológico.

A CAMPANHA 1(1985) NO "CABEÇO DO CRASTO" DE SÃO ROMÃO, SEIA

1. Antecedentes e razões da intervenção

Na sequência do trabalho atrás referido, tomámos conhecimento do sítio em questão através do *Relatório da Secção de Arqueologia da Expedição Científica à Serra da Estrela em 1881* (ver Painel 3).

No cumprimento do nosso programa de reconhecimento de sítios de interesse arqueológico da área de intervenção do PEABMAM, visitámos o local, pela primeira vez, em inícios de 1983.

As indicações que possuíamos eram as de *Martins SARMENTO* o qual descrevia o local como sendo do mesmo "... *typo das ruínas exploradas no Minho, quanto à sua posição, systema de fortificações, etc...*" (SARMENTO, 1883: 10); é ainda este autor que assinala a existência de duas linhas de fortificações que, conforme confirmámos no local, apresentam estruturas bem diversas, correspondendo certamente a duas *fases cronológico-culturais* (?) distintas.

A muralha superior "... *no cabeço granítico, é de blocos de granito e formava um pequeno recinto...*" (*Ibid*) e apresenta características de construção totalmente diversas da muralha exterior "... *uns 60 metros abaixo da cumeeada...*" (*Ibid*) [cf. planta no Painel 3]. Esta última define um amplo recinto fortificado correspondente à fase de maior expansão do povoado e é constituída por blocos, principalmente de granito, parcialmente afeicoados e sobrepostos sem qualquer argamassa de ligação. Deve datar da Idade do Ferro, provavelmente com sucessivas reparações posteriores.

Quanto à primeira, aproveitando os afloramentos graníticos naturais, foram os intervalos preenchidos por outros penedos empilhados e pequenos troços de muro construídos com pedra não-aparelhada de granito e grauvaque, constituindo uma plataforma fortemente defendida e de acesso muito difícil, mesmo pela rampa, igualmente fortificada pelo mesmo processo, construída para o efeito. Pertence, seguramente, ao Bronze Final.

A observação do sítio permitiu, ainda, confirmar a existência de algumas plataformas de construção artificial, nas encostas, cuja finalidade e características não foram ainda investigadas, mas que podem constituir áreas de assentamento de estruturas residenciais.

Os materiais encontrados à superfície, nos reconhecimentos, eram bastante significativos. Recolhemos abundantes vestígios da romanização do habitat - telhas romanas (*imbrices* e *tegulae*) e fragmentos de *cerâmica comum feita a torno* - alguns vestígios presumivelmente pré-romanos, *cerâmica comum* grosseira de fabrico manual e, particularmente concentrados na elevação superior, fragmentos inequivocamente atribuíveis ao Bronze Final - fragmentos de olaria escura *brunida*, entre eles restos de pequenas taças *carenadas*, ostentando uma delas a típica decoração em motivos incisos *pós-cozedura*, característica do estilo do *Grupo Baiões/Santa Luzia* (C.T. SILVA: 1978. e 1979.)

As potencialidades do sítio revelavam-se, portanto, à partida, imensas, potenciando, através do seu estudo/escavação:

- Estudar, num só povoado, o que é extremamente importante, o processo de evolução e transformação sociocultural das respectivas populações ao longo de vários séculos.
- Conhecer aspectos socioculturais das populações da área de intervenção do PEABMAM em âmbitos cronológicos que, até à data, eram desconhecidos na sua parte a Sul do Mondego.
- Finalmente, o sítio encontrava-se bem conservado, perspectivando, assim, o bom êxito da intervenção, programada, na primeira fase, para seis campanhas.

2. Localização e ambiente

O "Cabeço do Crasto" de São Romão fica situado na confluência do rio Alva com a ribeira da Caniça, entre as povoações da Senhora do Desterro a Norte e da Lapa dos Dinheiros a Sul/Sudoeste, na Freguesia de São Romão, Concelho de Seia. As coordenadas centrais da sua elevação Este são 236.850/380.250 GAUSS na Folha 212 da Carta Militar de Portugal na escala 1/25000 (Mapa 2).

Fica na encosta Noroeste da Serra da Estréla, atingindo o seu ponto mais elevado a cota de 887,85m. A região é periférica em relação àquilo que foi a área glaciada da serra (DAVEAU, Ed. 1985: 61-3 e fig.22) e esteve desde sempre sujeita aos efeitos de intensas acções erosivas, fundamentalmente de origem eólica e peri-glaciária.

O "Cabeço do Crasto" detém um completo controle da paisagem que se estende, com bom tempo, ao longo da encosta Noroeste do Massiço Central até à Lousã, ao Massiço Marginal com os cumes do Caramulo e Buçaco e até às terras altas a Norte e a Oriente de Viseu.

3. Método e estratégia

Para que uma escavação seja mais que uma mera recolha de restos do passado há necessidade de um procedimento disciplinado e cuidadoso durante a realização dos trabalhos. Tal necessidade foi sentida já no século passado e tornou-se hoje uma característica essencial do trabalho de campo conduzido em moldes científicos.

A forma de procedimento deve ser escolhida antecipadamente de acordo com as características de cada monumento/sítio arqueológico. Acontece, no entanto, que há necessidades que estão presentes em todas as intervenções programadas:

- Em primeiro lugar o método utilizado deve ser *estratigráfico*. É que toda a ocupação humana de um local deixa marcas e no caso de ela ser prolongada estas marcas vão-se sobrepondo. Após o abandono do local o processo de degradação desses vestígios obedece a constantes. Assistimos, normalmente, a acumulação e/ou erosão sedimentares provocadas por agentes naturais e até por acções com origem humana. Tudo isto se traduz na constituição de formações com características próprias. A cada uma chamamos *UE* (Unidade Estratigráfica) e, nesta designação incluímos tanto restos de um muro, como um pavimento de habitação, buracos de poste, desmoronamentos, a camada de sedimentos que cobriu um local abandonado, etc. Escavar estratigraficamente é, em primeiro lugar, saber identificar cada uma dessas realidades e, depois, retirar cada uma delas pela ordem cronológica inversa da sua formação - do mais recente para o mais antigo.

- Em segundo lugar há que dar uma "forma" à intervenção. Nós preferimos a escavação *em área aberta*, seguindo a experiência e metodologia propostas por alguns arqueólogos britânicos (BARKER, 1977; HARRIS, 1979.) bem como por um autor italiano que, mais recentemente, escreveu sobre tal assunto (CARANDINI, 1981.).

Tão importante como seguir um critério na escavação propriamente dita é a forma como se vai registando o que se encontra. Com vista a racionalizar trabalho as equipas do PEABMAM utilizam várias fichas adaptadas a partir de modelos propostos pelos autores citados. A mais importante é, sem dúvida, a que se destina ao registo individual das unidades estratigráficas (Ficha de UE) a qual é, por assim dizer, um cartão de identidade completo de cada uma (GUERRA, 1982., 1983/1984. e 1985/1986.) [ver o modelo a pp.17-18]. Para o registo ser completo acrescentam-se a fotografia e o desenho que, cada um a seu modo, nos garantem a conservação de informações que, pela própria natureza do trabalho de escavação arqueológica, não mais poderemos refazer integralmente.

A partir dos dados registados nas *Fichas de UE*, plantas, perfis, etc., é elaborado um quadro que representa, esquematicamente, as relações entre as várias UEs, o qual se designa por diagrama ou *matriz estratigráfica de Harris*, de acordo com o nome do seu autor (figs. 1 e 2).

ESTACIÃO:		SECTOR:		CAMPANHA:		U. ESTRAT.	
PLANTAS		FOTOS		PB / n.º			
CORTES		DIA / n.º		MATERIAIS		AMBIENTE	
DEFINIÇÃO		CRITÉRIOS DIST.		FORMAÇÃO			
COMPLEMENTOS		GEOLÓGICOS		ORGÂNICOS		ARTIFICIAIS	
CORRINT.		DESCRIÇÃO					
CONSERVAÇÃO							
QUADRO DE DEF.							
HUMIDA							
SECA							
COM		MEDIDAS		OBS.		MATRIZ	
TOTAL A							
APU-SE A		APU/A		CODRE			
CORTADA P/				CORTA			
CORTADA P/				ENCHE			
CORTA P/				CORT. P/			

Para a Campanha I(1985) e na sequência dos dados de prospecção atrás enunciados, optámos por intervir em duas zonas distintas que, a um tempo, permitissem apurar o potencial informativo do sítio e confirmar, precisando-os, os parâmetros cronológicos da sua ocupação, em função do quadro hipotético traçado com base nos achados de superfície.

Escolheram-se deste modo dois locais para intervir: o primeiro, denominado *Sector A*, correspondendo ao recinto superior da extremidade Noroeste do cabeço, procurando aí estudar e caracterizar as respectivas estruturas de fortificação e a possível fase mais antiga do povoado; o segundo, *Sector M*, na muralha exterior, no seu ângulo Nordeste, perspectivando uma intervenção que permitisse definir a cronologia da possível fase de maior expansão do povoado e a natureza das fortificações correspondentes. A primeira buscava encontrar parte do povoado do Bronze Final e, eventualmente, algo mais antigo. Na segunda contávamos com estruturas pré-romanas, romanas e, eventualmente, com algo mais recente.

4. Os trabalhos: I - o Sector A

As escavações realizadas no Sector A, numa área de 22 x 10m com duas pequenas ampliações laterais, uma a Oeste com 3 x 9m e outra a Este com 3 x 4m, afectaram uma das áreas aparentemente mais conservadas do mesmo. Infelizmente, não obstante a importância da informação e materiais recolhidos, só no terço Sul da área aberta podemos encontrar unidades estratigráficas não remexidas e, simultaneamente, estudar e datar o processo de fortificação da elevação (ver Painel 3).

Confirmando a natureza da fortificação do local, tal como os trabalhos de prospecção tinham deixado antever, verificámos que, aproveitando os afloramentos graníticos que circundavam o topo da elevação, outras rochas tinham sido roladas para os intervalos completando o todo a construção de pequenos troços de muro utilizando granito local e grauvaque proveniente de um afloramento a cerca de 125m na outra elevação do sítio a Oriente do Sector A.

As bacias de deposição formadas entre os penedos foram entulhadas com pedra mais pequena de granito e grauvaque, utilizando seixos rolados de quartzo, provenientes do leito dos cursos de água que ladeiam o cabeço, como percutores, constituindo assim socos ou bases de pavimento de outras tantas plataformas onde se poderiam colocar os defensores em caso de ataque. Os materiais encontrados nas UEs que os sobrepõem são exclusivamente constituídos por *olaria manual* dominando a olaria negra e castanho-acinzentada escura, *brunida* e, frequentemente, com decoração *incisa pós-cozedura* no estilo *Baiões/Santa Luzia*. Da UE [32] provém um fragmento com decoração *excisa cheia a pasta branca* a lembrar decorações equivalentes em povoados da Meseta (MOLINA & ARTEAGA, 1976.). A cronologia do Bronze Final para este sistema defensivo aparece assim plenamente confirmada.

Na zona adjacente, a Norte, à área escavada da "muralha" do Sector A pudémos ainda identificar, embora a escavação tenha de ser ainda concluída em 1986, camadas de ocupação do Bronze Final e alguns restos de fundações de muros atribuíveis, igualmente, àquele período (Painel 3). Da UE [47] provém um conjunto de importantes fragmentos de olaria do Bronze Final (figs. 3-5) e um *wachado de talão uniface e com uma só argola* (fig. 6) idêntico aos provenientes do *esconderijo* da Moura da Serra, Arganil (CASTRO NUNES, 1957c.), e aos recém descobertos no Castro da Senhora da Guia, em Baiões (A. SILVA, C.T. SILVA & LOPES, 1984.). Confirmavam-se assim as correlações cronológico-culturais que vínhamos propondo.

Face ao exposto e não obstante ser ainda impossível traçar grandes linhas conclusivas no termo de uma primeira campanha, cremos ser inescapável a importância de que se reveste a identificação de um povoamento do Bronze Final a Sul do Mondego e a correlativa definição, em estratigrafia, de alguns aspectos das suas estruturas defensivas e habitacionais bem como das associações de componentes materiais respectivas.

A importância da ocupação do Bronze Final do "Cabeço do Crasto" de São Romão é tanto maior quanto, prospecções recentes na área de intervenção do PEABNAM têm vindo a revelar uma série de outros povoados cujos materiais de superfície autorizam atribuir ao mesmo horizonte cultural (SENNA-MARTINEZ, GARCIA & COELHO, 1985/1986.) e, quiçá a curto prazo, definir o povoamento regional na época (SENNA-MARTINEZ, *no prelo.*).

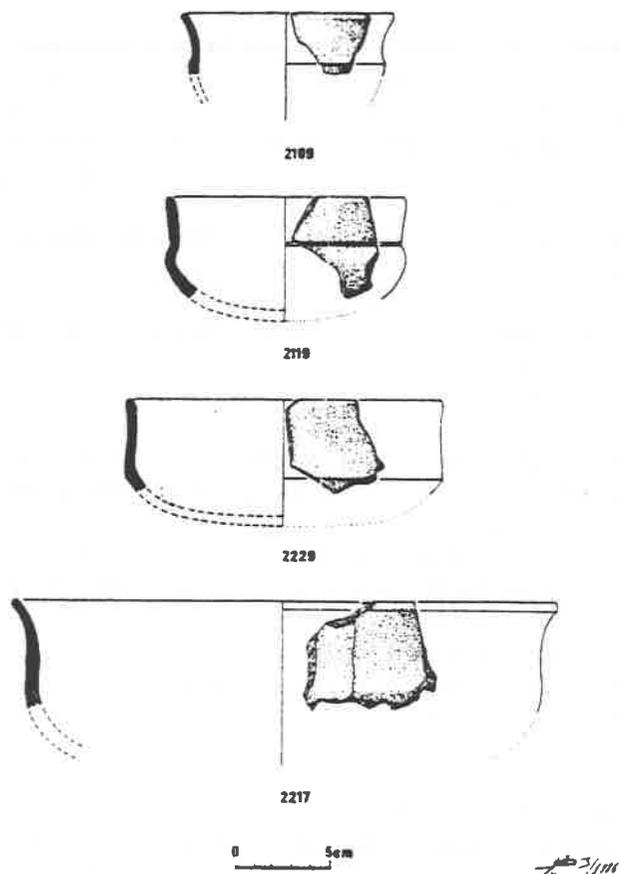


Fig. 3 - Taças de *olaria escura brunida* da UE [47].

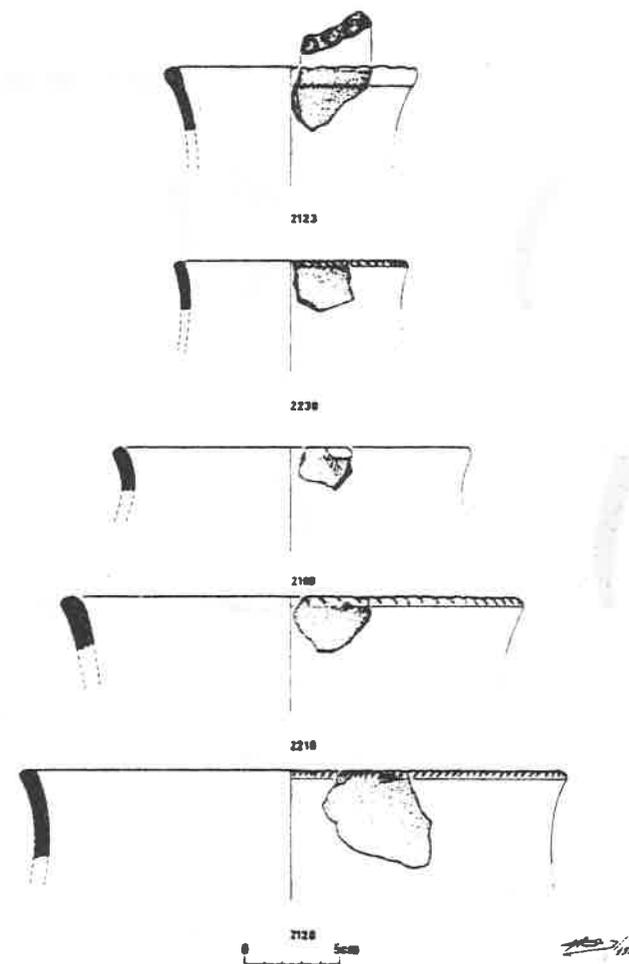


Fig. 4 - Bordos de recipientes de *armazenagem* ou *cozinha* da UE [47], com decoração *digitada* [2123], *unzulada* [2230, 2210 e 2128] e *incisa pós-cozedura* [2196].

CSR-A 1(985) [47]

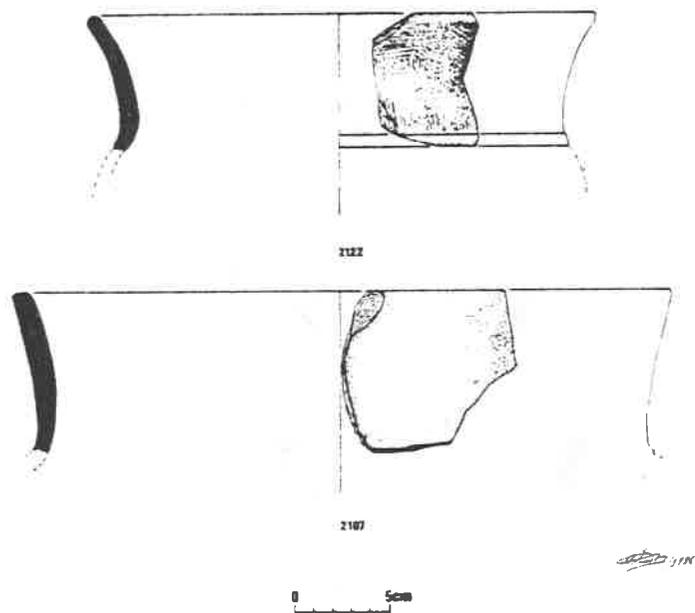


Fig. 5 - Potes de armazenagem ou cozinha da UE [47].
O fragmento [2122] tem decoração a cepillo.

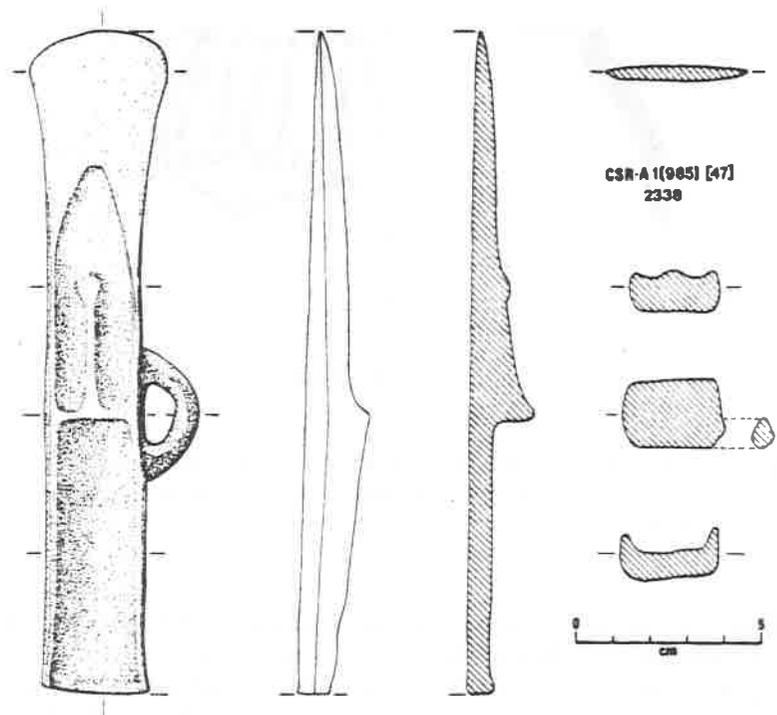
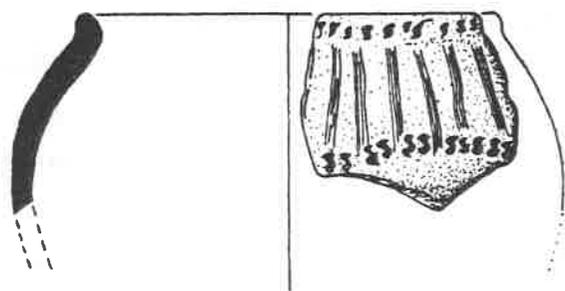


Fig. 6 - Machado de Talão uniface de uma só argola do
Tipo Arganil, proveniente da UE [47].

5. Os trabalhos: II - o Buraco da Moura

No decurso da Campanha 1(985) e aproveitando a estadia no local da equipa, iniciámos o reconhecimento do "Buraco da Moura" onde recolhemos, num dos corredores mais profundos, um importante conjunto de olaria.

O conjunto de cavidades naturais em causa situa-se junto à ribeira da Caniça, na vertente Sul do "Cabeço do Crasto". A região é constantemente recortada por nascentes e cursos de água, cuja circulação e infiltração (alimentadas pelas reservas hídricas resultantes das acumulações de neves)



3/985

Fig. 7 - Pote elipsoidal decorado com uma banda de caneluras verticais entre duas linhas de SS impressos proveniente do Corredor H do "Buraco da Moura" [x 1/2].

juntamente com o estado do granito, geralmente alterado, permitem a abertura de poços e galerias. O "Buraco da Moura", inserindo-se neste contexto, é constituído por cavidades entre blocos graníticos, formando uma sequência de *salas* e *corredores* ou passagens de ligação, através das quais existem várias escorrências de águas. Até ao momento foi-nos possível reconhecer treze *salas* e nove *corredores* ou passagens.

Os materiais recolhidos podem ser divididos em dois conjuntos, representando, cada um, uma época diferente de utilização da "gruta": um conjunto de fragmentos de olaria provenientes do Corredor H, sito numa das zonas mais profundas reconhecidas, o qual poderá ser atribuível ao final da Idade do Bronze, inícios da Idade do Ferro; outro conjunto de fragmentos foi recolhido à entrada da *Sala I* e poderá ser atribuível a época mais recente, provavelmente medieval.

De tal conjunto de materiais a peça mais importante é a número 3/85, do grupo mais antigo, um fragmento de bordo de um *pote elipsoidal* decorado com duas linhas de SS impressos, uma subjacente ao bordo e outra sensivelmente a meio da pança, ligadas por uma banda de caneluras verticais (fig. 7). Os SS

impressos são muito comuns na cerâmica da Idade do Ferro da Meseta em particular no horizonte de *Cogotas II* (CABRE AGUILO, 1930: 64 sgs. e LAm. XLVIII e XLIX), bem como em castros do Noroeste Peninsular (cf. ALMEIDA, 1974). No entanto, o seu aparecimento no "Castro da Senhora da Guia (Baiões)" num ambiente do Bronze Final recoloca o problema da origem e possível longevidade do tema (C.T.SILVA, 1978. e 1979.; KALB, 1978.). O aspecto geral deste conjunto de peças do "Buraco da Moura" é arcaizante quer nas formas quer na execução da decoração e mesmo nalgumas pastas (SENNA-MARTINEZ & VALERA, 1985/1986), pelo que não nos parece de excluir a possibilidade de o conjunto ser contemporâneo da ocupação do Bronze final detectada no Sector A do "Cabeço do Crasto" de São Romão que lhe fica por cima (SENNA-MARTINEZ, GUERRA & FABIAD, 1985/1986a.).

6. Os trabalhos: III - o Sector M

A intervenção no que denominámos Sector M foi instalada junto ao ângulo Nordeste da muralha exterior, junto à estrada florestal de acesso ao sítio.

A observação de superfície que fizéramos, permitia ver a presença da muralha propriamente dita numa longa descontinuidade, coroada de pedras, que se prolongava pelos dois lados da estrada. Paralela a esta existia um declive suave, de características diferenciadas que, do exterior, conduzia ao interior da muralha.

Marcámos, assim, uma área a escavar com 10 x 17m, perpendicular à muralha, permitindo, a um tempo, investigar o seu interior e exterior.

No que toca ao interior, não houve qualquer dificuldade em definir a face respectiva da muralha. É formada por grandes blocos, fundamentalmente de granito, que, embora não constituam um aparelho regular, permitem uma boa definição da mesma. Apresenta uma inclinação por vezes bem marcada, de forma que a respectiva espessura diminui para a sua parte superior. Encostada à muralha, pelo interior, define-se uma plataforma, de cerca de 1,5m de largo, delimitada por grandes blocos de granito colocados ao alto, marcando bem a separação desse *passadiço* em relação às construções que se definiam no interior.

Encostado aos blocos que definem o *passadico* existe um muro de aparelho regular o qual tem uma porta, bem marcada pelos umbrais, possibilitando o acesso do *passadico* para um compartimento que não era coberto por telha e que, provavelmente, constituiria um pátio a céu aberto - denominámo-lo *Ambiente I*. Está delimitado, além do citado muro a Este, a Norte, por outro só parcialmente posto a descoberto, outro, a Sul, apresenta uma larga abertura que permitia comunicar com o *Ambiente II*, adiante descrito. Do quarto muro que fecharia a Ocidente este espaço conhecemos apenas, de momento, o que deverá ser parte do seu desmoronamento.

A Sul do *Ambiente I* encontra-se o *Ambiente II*, constituído por um espaço coberto por um telhado de *cana de meia-cana (imbrices)*, sustentado por por um conjunto de postes de madeira de que apenas se conservam os *buracos* em que assentavam, abertos no granito alterado de base.

A comunicação entre os dois *Ambientes* fazia-se por uma passagem larga, delimitada no muro Sul do *Ambiente I* por dois blocos cuidadosamente aparelhados com pico de ferro. Em fase posterior, de difícil datação, essa passagem foi fechada por um muro, claramente posterior e de aparelho rudimentar, diferente dos restantes muros postos a descoberto no *Ambiente I*.

Só o prosseguimento das escavações, em 1986, permitirá obter uma compreensão global deste conjunto de construções.

A rampa, atrás referida, constituindo a forma de contacto entre o interior e o exterior da muralha, verificou-se ser de construção bastante mais recente e, certamente, faria as funções que a actual estrada florestal cumpre. Ou seja, numa fase em que já não havia habitação no local e em que a muralha, já derruída, não desempenhava qualquer função defensiva, tornou-se necessário construir esse acesso permitindo superar o obstáculo.

Infelizmente, o abundante material já recolhido no interior destas construções não inclui qualquer elemento de cronologia precisa que possibilite datar, com segurança, a época das mesmas. Apenas podemos afirmar que as construções dos *Ambientes I e II* são seguramente de época romana, não anteriores ao Séc. I da nossa era; sendo possível atribuir maior antiguidade à construção da muralha.

A intervenção no exterior revelou maior complexidade do que se esperava. O desmonte progressivo do desmoronamento exterior da muralha revelou a rocha de base (granito alterado) com uma forte inclinação, cerca de 40°, não sendo de excluir a hipótese de esta ser devida a intervenção humana no sentido de reforçar as defesas; tal pendor é reforçado pela existência, no local, de um afloramento de grauvaque que forma um verdadeiro socalco externo.

Prolongando esse socalco para Sudoeste detectámos um pavimento feito de grandes seixos rolados, de granito de grão fino, e o que parecia ser a face exterior da muralha. Tal identificação é, ainda, reservada porque não é visível qualquer alicerce para a mesma e a sua regularidade não é inquestionável. Mais atrás, ainda, encontramos um muro, de aparelho regular, com características tipicamente romanas que poderá ter sido, pelo menos em certa fase da utilização do sítio, a face externa do amuralhado.

Esta complexidade exterior, ainda não totalmente definida e a que não serão estranhos os remeximentos provocados pela construção da estrada florestal, faz-nos pensar que poderemos estar perante uma estrutura defensiva em socalcos, onde existiria não uma mas três faces exteriores da muralha, descendo para o exterior, semelhante ao que se conhece em alguns povoados da Idade do Ferro da Meseta Espanhola, como por exemplo em Las Cogotas, Cardenosa, Avila (CABRE AGUILO, 1930: 30-1, Láms. IV-2 e VI) e Mesa de Miranda, Chamartín de la Sierra, Avila (CABRE AGUILO, *et al.*, 1950; MALUQUER DE MOTES, 1954: 98-100), bem como em São Pedro do Sul, no Castro da Cárcoda (C.T. SILVA & CORREIA, 1977: 297 e Est. III). Nos derrubes exteriores da muralha apareceram vários fragmentos de cerâmica, cujo contexto e estado de conservação nos fazem crer terem sido utilizados como entulho, não correspondendo, portanto, a um qualquer contexto utilitário.

Referências:

- ALMEIDA, C.A.F. de 1974. "Cerâmica castreja"
in: *Rev. Guimarães*, LXXXIV, pp.171-197
- BARKER, P. 1977. *Techniques of Archaeological Excavation*
Batsford, Londres (2ª Ed. 1982.)
- BIGOTTE, J.Q. 1982. *Monografia da Vila e Concelho de Seia*
Ed. do Autor, Seia
- CABRE AGUILO, J. 1930. *Excavaciones de Las Cogotas - Cardefosa*
(Avila). I - El Castro
Memoria nº 110 de la J.S.E.A., Madrid
1932. *Excavaciones de Las Cogotas - Cardefosa*
(Avila). II - La Necrópolis
Memoria nº 120 de la J.S.E.A., Madrid
- CABRE AGUILO, J. et al. 1959. *El Castro y la Necrópolis del Hierro*
Celtico de Chamartín de La Sierra (Avila)
Acta Arqueol. Hispan., V, Madrid
- CARANDINI, A. 1981. *Storie dalla Terra*
De Donato, Bari
- CASTRO NUNES, J. 1956a. "O Idolo Pré-Histórico das Relvas"
in: *Rev. Guimarães*, LXVI
- 1956b. "Materiais Arqueológicos do Concelho de Góis.
I - Um brinco de época romana"
in: *Arquivo Hist. Góis*, 1(3-4), pp.103-6
- 1957a. "Un importante hallazgo del Bronce en
Portugal"
in: *Zephyrus*, VIII(1), pp.135-45

- CASTRO NUNES, J. 1957b. "Três nótulas de Arqueologia Pré-Histórica"
in: *Rev. Guimarães*, LXVII
- 1958a. "Um machado plano, metálico, de tradição
eneolítica"
in: *Arquivo Hist. Góis*, 1(7-9), pp.11-5
- 1958b. "Nuevos hallazgos del Bronce en Portugal"
in: *Zephyrus*, IX(2), pp.229-30
- 1958c. "Novos elementos para o estudo da arte
castreja em Portugal"
in: *Rev. Guimarães*, LXVIII
1974. *Introdução ao Estudo da Cultura Megalítica*
no Curso Inferior do Alva
Cursos de Letras, Sá da Bandeira
1981. "As liberdades do povo romano ter-se-ão
finado nas margens do Alva"
Destacável do *Jornal do Vale do Mondego*,
Ano 1, nº 16
- CASTRO NUNES, J. et al. 1985. "Panorama arqueológico do curso médio do
Alva (Região de Arganil)"
in: S.DAVEAU, ed. *Livro Guia da Pré-Reunião*
Glaciação da Serra da Estrêla - Aspectos do
Quaternário da Orla Atlântica, G.T.P.E.Q. -
- G.E.T.Q., Lisboa, pp.48-53
- DAVEAU, S. ed. 1985. *Livro Guia da Pré-Reunião Glaciação da*
Serra da Estrêla - Aspectos do Quaternário da
Orla Atlântica
G.T.P.E.Q. - G.E.T.Q., Lisboa
- GUERRA, A.M.R. 1982. "Escavar? Sim, obrigado. A resposta de Harris"
in: *Almadan*, 0, pp.8-10

- GUERRA, A.M.R. 1983/1984. "Alguns aspectos de uma escavação. Método, técnica e registo"
in: *Almadan*, 2, pp.8-10
- 1985/1986. "Métodos e técnicas de escavação: contributos para um debate"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- GUERRA, A.M.R. & FABIÃO, C.J.S. 1986. "Escavações no Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil): resultados preliminares"
Comunicação ao *Congresso Peninsular de Historia Antigua*, Santiago de Compostela
- FABIÃO, C.J.S. & GUERRA, A.M.R. 1985/1986. "A cerâmica *campaniense* do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- HARRIS, E.C. 1979. *Principles of Archaeological Stratigraphy*
Academic Press, Londres
- KALB, Ph. 1978. "Senhora da Guia, Baiões. Die Ausgrabung 1977."
in: *Madrider Mitteilungen*, 19, pp.112-38
- KALB, Ph. & HÖCK, M. 1979. "Escavações na necrópole de mamoaas 'Fonte da Malga' - Viseu, Portugal"
in: *Beira Alta*, XXXVIII(3), pp.593-604
- MALUQUER DE MOTES, J. 1954. "Los Pueblos de la España Celtica"
in: R.MENENDEZ-PIDAL, ed. *Historia de España*, I(3), Madrid, pp.5-194
- MOLINA, F. & ARTEAGA, O. 1976. "Problemática y diferenciación en grupos de la cerámica con decoración excisa en la Peninsula Iberica"
in: *Cuad Prehist. Univ. Granada*, 1, pp.175-214

- SARMENTO, M. 1883. *Relatório da Secção de Archeologia da Expedição Scientffica à Serra da Estrella em 1881*
Imprensa Nacional, Lisboa
- SENNA-MARTINEZ, J.C. 1982. "Materiais campaniformes do Concelho de Oliveira do Hospital (Distrito de Coimbra)"
in: *Clio*, 4, pp.19-34
- 1984a. "Contribuições arqueométricas para um modelo sociocultural: padrões volumétricos na Idade do Bronze do Centro e NW de Portugal"
in: *Clio/Arqueologia*, 1, pp.169-88
- 1984b. "O Monumento nº 3 da Necrópole dos Moinhos de Vento, Arganil - A Campanha 1(84)"
in: *Clio/Arqueologia*, 1, pp.213-16
- no prelo.* "O povoamento do Bronze Final na Bacia do Médio e Alto Mondego: contributos para uma análise macro-espacial"
- SENNA-MARTINEZ, J.C. & LUZ, A.M.D. 1983. "O Megalitismo da Bacia do Alva: primeira contribuição para um modelo socioeconómico"
in: *O Arqueol.Port.*, IV série, 1, pp.103-18
- SENNA-MARTINEZ, J.C.; GARCIA, M.F. & ROSA, M.J.D. 1984. "Contribuições para uma tipologia da olaria do megalitismo das Beiras: olaria da Idade do Bronze"
in: *Clio/Arqueologia*, 1, pp.105-38

- SENNAMARTINEZ, J.C.; ESTEVINHA, M.I. & VILAÇA, R.
1985/1986. "As Grutas 1 e 2 do Penedo da Penha, uma necrópole(?) da Idade do Bronze próximo de Vale de Madeiros, Canas de Senhorim"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SENNAMARTINEZ, J.C.; GARCIA, M.F. & COELHO, M.N.
1985/1986. "O Castro de São Cosme, um povoado do Bronze Final no vale do Médio Mondego: notícia preliminar"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SENNAMARTINEZ, J.C.; GUERRA, A.M.R. & FABIÃO, C.J.S.
1985/1986a. "O 'Cabeço do Crasto', São Romão, Seia: a campanha 1(1985)"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SENNAMARTINEZ, J.C.; GUERRA, A.M.R. & FABIÃO, C.J.S.
1985/1986b. "Programa de Estudo Arqueológico da Bacia do Médio e Alto Mondego - PEABMAM"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SENNAMARTINEZ, J.C. & VALERA, A.C.N.
1985/1986. "O Buraco da Moura, uma necrópole(?) da Idade do Bronze no sopé do 'Cabeço do Crasto', São Romão, Seia: notícia preliminar"
in: *Clio/Arqueologia*, 2
- SILVA, Celso T. da
1978. "Cerâmica típica da Beira-Alta"
in: *Actas III Jorn. Arqueol.*, 1, pp.185-96
1979. "O Castro de Baiões (S. Pedro do Sul)"
in: *Beira Alta*, XXXVIII(3), pp.509-31

- SILVA, Celso T. da
1980. "Contribuição para o estudo da Cultura Castreja na Beira Alta"
in: *Actas Sem. Arqueol. Noroeste Pen.*, II, pp.171-181
- SILVA, C.T. da & CORREIA, A.
1977. "O Castro da Cárcoda"
in: *Beira Alta*, XXXVI(2-3), pp.281-306 e XXXVI(4), pp.589-610
- SILVA, A.C.F.; SILVA, C.T. da & LOPES, A.B.
1984. "Depósito de fundidor do final da Idade do Bronze do Castro da Senhora da Guia (Baiões, S. Pedro do Sul, Viseu)"
in: *Lucerna*, nº extraord., pp.73-109

Da Campanha 1(1985) resultaram cerca de 2000 registos dos quais algumas centenas correspondem a peças com contextos estratigráficos seguros.

De cada um dos sectores de escavação da Campanha 1(1985) no "Cabeço do Crasto" de São Romão, bem como do conjunto de materiais mais antigos provenientes do primeiro reconhecimento efectuado no "Buraco da Moura", escolhemos alguns materiais, seguidamente catalogados, que ilustram o que pensamos ser duas épocas da ocupação daqueles sítios.

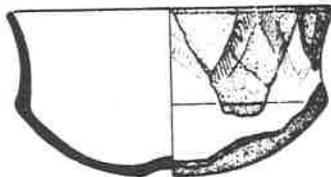
Os materiais expostos do *Sector A*, com a excepção do nº 11, são todos atribuíveis ao Bronze Final, tal como, pelas razões atrás aduzidas, os do "Buraco da Moura".

Pertencentes a épocas mais recentes são os materiais expostos do *Sector M* bem como o *dolium* com o nº 11 do *Sector A*. Todos eles, de algum modo, ilustram aspectos do quotidiano local nas respectivas épocas.

CATALOGO

Vitrine 1 - Sector A do "Cabeço do Crasto" e "Buraco da Moura"

1. [1830/2095] - *Taça carenada*, restaurada, com decoração *incisa pós-cozedura* no motivo 39 do Grupo Baiões/Santa Luzia (C.T. SILVA, 1979: Est. IX, 39). Provém de UE [38], uma das camadas de ocupação atribuíveis ao Bronze Final (fig. 8; x 1/3).



1830/2095

Fig. 8

2. [2339] - Fragmento de bordo de taça idêntica à anterior e com a mesma proveniência (ver reconstituição gráfica no Painel 3).
3. [2189] - Fragmento de bordo de taça carenada com decoração *incisa pós-cozedura* no motivo 23 do Grupo Baiões/Santa Luzia (C.T. SILVA, 1979: Est. VIII, 23) que provém da mesma UE que as anteriores (ver reconstituição gráfica no Painel 3).
4. [1658] - Fragmento de bordo de grande taça carenada com asa e decorada sobre o lábio com *ungulações*, proveniente da UE [27] (reconstituição gráfica no Painel 3).
5. [1183 e 2021] - *Dormente* e *movente* de mó manual provenientes, respectivamente, da UE [10] e UE [47]. O segundo contextualmente associado ao machado de talão a seguir referido.
6. [2338] - *Machado de talão uniface* e com uma só argola do Tipo Arganil, provém da UE [47] (fig. 6).
7. [455] - Lâmina de sílex, quebrada, com traços de uso (foicinha?), da UE [10].
8. [1744] - *Machado de anfibólito polido* proveniente da UE [27].
9. [585, 1548 e 2211] - *Pesos de tear* sobre seixos provenientes, respectivamente, das UEs. [4], [29] e [47]. Seriam utilizados como se vê na reconstituição da figura 9.

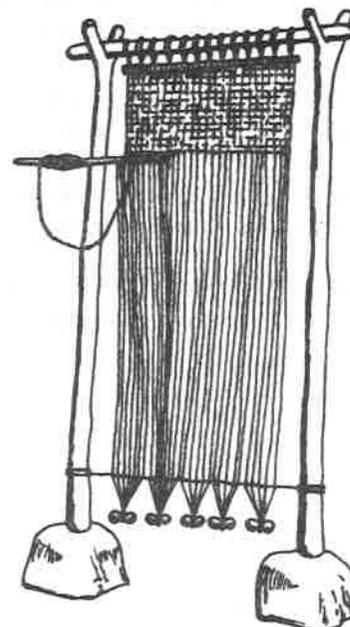


Fig. 9 - Reconstituição de *tear vertical* do tipo provavelmente utilizado com os *pesos de tear* sobre seixo encontrados no Sector A do "Cabeço do Crasto" de São Romão.

10. - *Pote de cozinha*, restaurado, proveniente da interface superior da UE [38]. Notar o *negro de fumo* aderente ainda às paredes nalguns locais.
11. [1108-1160] - Fragmentos do bocal, com semi-restauro, de um grande vaso de armazenagem ou *dolium*, com decoração ondeada a *pente*, idêntico ao apresentado na Vitrine 2 sob o nº4. Proveniente da UE [20], testemunha uma ocupação do local claramente posterior ao Bronze Final.

12. [BMSR 1/85] - *Pequeno esférico, restaurado, com uma pequena pega mamilar junto ao bordo e decorado por duas filas de impressões a punção. Corredor H.*
13. [BMSR 2/85] - *Fragmento de bordo de pote elipsoidal com orifício de suspensão e decorado com unguiações. Corredor H (Painel 3).*
14. [BMSR 3/85] - *Fragmento de bordo de pote elipsoidal decorado com uma banda de caneluras verticais entre duas linhas de SS impressos. Corredor H (fig. 7).*
15. [BMSR 4/85] - *Fragmento de bordo de pote elipsoidal, decorado com uma banda de caneluras verticais entre duas linhas de impressões a punção. Corredor H (Painel 3).*

Vitrine 2 - Sector H do "Cabeço do Crasto"

1. *Fusaiolas* - Estes dois artefactos de barro cozido eram utilizados como *volantes de fuso*. Têm uma perfuração central e destinavam-se a ser encaixados no eixo do fuso, normalmente de madeira, que segurava o novelo feito a partir dos fios que iam sendo torcidos. A figura 10 ilustra um fuso lastrado com uma *fusaiola* de barro idêntica às apresentadas.

A datação deste tipo de objectos é difícil visto que a sua utilização chegou aos nossos dias, correspondendo a uma permanência cultural vinda de época anterior à romanização. Qualquer deles foi produzido expressamente para tal utilização - registre-se que, por vezes, a partir de um fragmento de um recipiente de olaria quebrado, o utilizador *fabrica* uma *fusaiola*.

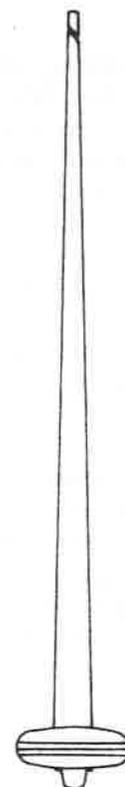


Fig. 10 - *Fuso com fusaiola ou cossoiro montado, idêntica às encontradas no Sector H do "Cabeço do Crasto" de São Romão*

2 *Pote* - Pequeno pote de olaria cinzenta, restaurado, feito ao torno. A sua coloração advém-lhe da técnica utilizada durante a cozedura, em que o oleiro *abafa* o forno, isto é, corta a circulação do ar no seu interior produzindo, assim, uma cozedura dita *reductora*, a qual escurece as paredes do vaso pela falta de oxigénio. Ainda hoje tal técnica é utilizada em algumas regiões de Portugal onde se produzem os chamados "barros pretos" (por ex. *Moleiros*).

O pote é de fabrico cuidado e deveria ser utilizado para confeccionar alimentos. Repare-se que conserva restos de fuligem agarrados à parede exterior. Este tipo de recipientes pode, no entanto por vezes ter outras utilizações, armazenagem de frutos secos por exemplo.

3 *Vaso com asa interior* - Tratando-se embora de um fragmento, este recipiente de cerâmica é extremamente interessante. Trata-se, seguramente, de um vaso para a confecção de alimentos, produzido provavelmente ao torno e, as asas interiores, de que se conservou só uma, destinavam-se à suspensão sobre o fogo. Os elementos de suspensão do vaso deveriam ser de matéria combustível (corda por exemplo), servindo as asas em tal posição para que a própria parede do recipiente os protegesse da acção directa das chamas, evitando que a suspensão se quebrasse.

Não sendo conhecidos em área tão meridional, existem recipientes com esta particularidade, se bem que com outras características, na denominada *Cultura Castreja do NW. São*, normalmente, de grandes dimensões e, naquela região, estão bem datados, sendo conhecidos num período que se situa entre os sécs. II-I a.C. e os fins do séc. I d.C.

4 *Dolium com decoração a pente* - Este recipiente, restaurado parcialmente, constitui um grande vaso de armazenagem ou *dolium*. Destinava-se a armazenar e a conservar alimentos. Produzido ao torno, tinha o fundo reforçado. Tem um acabamento cuidado, com as superfícies bem alisadas de modo a reduzir a porosidade das paredes. Com o barro ainda fresco, o oleiro fez correr sobre o bordo e sobre a pança uma matriz denteada (pente) que lhe produziu o efeito decorativo que apresenta, constituído por linhas paralelas ondeadas. Pena é que este tipo de decoração tenha grande longevidade, indo desde o Calcolítico à época medieval o que, obviamente, não possibilita qualquer precisão cronológica.

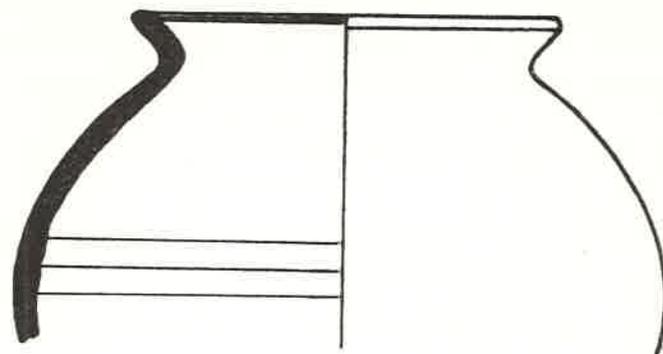


Fig. 11 - Pequeno Pote de olaria cinzenta, proveniente do Sector M, Ambiente II (Vitrine 2, nº 2 - x 1/2).

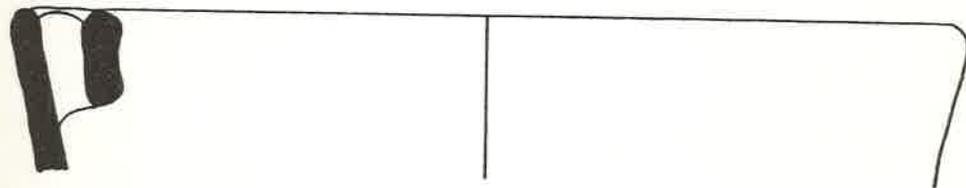


Fig. 12 - Fragmento de bordo de vaso com asa interior, Sector M, Ambiente II (Vitrine 2, nº 3 - x 1/3).